



“Corrupção começa quando se passa na fila”

Campanha. Guilherme d'Oliveira Martins, presidente do TdC, dá aula especial e desafia 200 alunos a exercerem cidadania vigilante

OCTÁVIO LOUSADA OLIVEIRA

“Corrupção? Não, obrigado!” Era esta a mensagem com que qualquer pessoa que entrasse ontem na Escola Professor Reynaldo dos Santos, em Vila Franca de Xira, se depararia. O recado, colocado à vista de todos, foi pintado por alunos, mergulhados na lógica “Prevenir o futuro”, mote da aula que o presidente do Tribunal de Contas (TdC) e do Conselho de Prevenção da Corrupção (CPC), Guilherme d'Oliveira Martins, ali foi dar para assinalar o lançamento do concurso Imagens contra a Corrupção.

O ambiente na escola, que tem cerca de 1500 estudantes (do 5.º ao 12.º ano) não podia ser mais efusi-

vo, até porque a corrupção é tema a que os mais pequenos também são sensíveis. E a oportunidade era única: ouvir *in loco* alguém com autoridade para dissipar dúvidas.

O jovem Miguel Borralho, por exemplo, foi assertivo na pergunta. Que a corrupção existe não é novidade, mas “o que é que os jovens podem, afinal, fazer para a combater”? Na resposta, perante mais de 200 crianças e adolescentes, Oliveira Martins venceu que o “exercício pleno da cidadania” é fundamental e assinalou que os debates “sobre matérias concretas podem ajudar” a despertar consciências.

Já antes, na exposição inicial, elucidara: “A corrupção é uma armadilha, porque começa como uma espécie de favor. Começa



Estudantes dos 12 aos 16 anos fizeram muitas perguntas ao presidente do Tribunal de Contas

numa coisa que parece legítima, como deixar passar à frente numa fila, e acaba por se transformar numa cunha.”

Os alunos acompanhavam os raciocínios e iam aplaudindo, até mesmo quando Oliveira Martins foi desafiado a falar do caso BES. Aí, o presidente do TdC jogou à defesa e preferiu dizer apenas que “numa sociedade equilibrada e são indispensáveis os valores da justiça e da verdade”. “E da transparência”, acrescentou. Estava dado o recado.

Questionado sobre os efeitos dos atos de corrupção sobre a economia do país, o antigo ministro da Educação e das Finanças não adiantou valores – mais tarde, em declarações aos jornalistas, frisou

que a contabilidade não registada corresponde a 26% da atividade nacional –, mas lembrou as palavras de um aluno que noutra palestra afirmou não querer viver “numa sociedade baseada na mentira e na injustiça”. E destacou, recordando várias batalhas que tem travado, em particular contra derrapagens orçamentais, que “o Tribunal de Contas não existe para ser simpático”. Já fora do auditório, reforçou a lógica, ainda que em alusão a escândalos bancários: “O dinheiro do Estado não é deles, é nosso [dos portugueses].”

A crise dos últimos anos, reconheceu Oliveira Martins, pode ter ajudado a aumentar o volume de trabalho do TdC. “Temos tido muito trabalho. Nunca podemos estar

descansados. As sanções têm sido em maior número e de maior eficácia”, sublinhou, embora tenha considerado que “nunca é tarde” para pôr em marcha ações como a aula de ontem e concursos como o Imagens contra a Corrupção.

A rematar a intervenção, o ex-ministro de António Guterres indicou dados europeus que dão conta de que 90% dos portugueses acreditam que o país é corrupto, embora apenas 1% admita já ter estado ligado a um caso do género.

As inscrições para a 3.ª edição do concurso estão abertas até dia 31, para estudantes dos 2.º e 3.º ciclos, bem como para alunos do secundário. Os vídeos dos concorrentes têm de ser integralmente originais e não podem exceder três minutos.